

9

Ministério

Adventista



Janeiro-Fevereiro de 1967



Páginas Imaculadas

OUTRO ano de vida encontra-se agora no passado. Um novo ano estende-se diante de nós. Qual será seu registro? O que cada um de nós escreverá em suas páginas imaculadas? A maneira em que passamos cada dia decidirá esta questão...

Iniciemos o novo ano com o coração purificado da mácula do egoísmo e orgulho. Eliminemos toda condescendência pecaminosa e procuremos tornar-nos estudantes fiéis e diligentes na escola de Cristo. Um novo ano descerra suas páginas imaculadas diante de nós. Que escreveremos sobre elas? ...

Procurai começar este novo ano com resoluções corretas e motivos puros, como seres responsáveis a Deus. Conservai sempre em mente que vossos atos estão diariamente passando para a história pela pena do anjo relator. Defrontar-vos-eis novamente com eles quando se assentar o juízo e abrirem-se os livros...

Se nos unirmos com Cristo, a Fonte de luz, paz e verdade, Seu Espírito fluirá através de nós como por um canal, para revigorar e abençoar todos os que nos rodeiam. Este poderá ser nosso último ano de vida. Não o iniciaremos com atenciosa consideração? Não será nossa conduta para com todos assinalada por sinceridade, respeito e benevolência?

Não retenhamos nada Aquele que deu Sua preciosa vida por nós... Consagremos a Deus a propriedade que Ele nos confiou. Acima de tudo, entreguemos-Lhe nossa própria vida, como oferta voluntária. Façamos Sua vontade, vivamos para Sua glória, e Ele nos concederá um Feliz Ano Novo.—ELLEN G. WHITE, em *The Signs of the Times*, 5 de janeiro de 1882.



EDITORIAL

Despedida e

Boas-Vindas

POR meio destas linhas desejamos expressar ao Pastor N. R. Dower nossas cordiais e calorosas boas-vindas como Secretário do Departamento Ministerial da Associação Geral. Os obreiros ministeriais das Divisões Sul-Americana e Interamericana desejam-lhe as mais ricas bênçãos em seu novo cargo, anelando que o Espírito Santo lhe inunde o coração ao empreender a direção deste tão importante setor da obra de Deus.

O Pastor Dower iniciou seu trabalho como pastor-evangelista, e após 10 anos de frutífero labor foi chamado para ser o presidente da Associação de Tóxico, e mais tarde das Associações do Texas e de Washington. Durante seu ministério tem-se preocupado principalmente em ajudar os ministros a ser mais eficientes e a resolver seus problemas. Enquanto exercia a presidência dos Campos mencionados, teve sempre especial interesse na obra evangélica, realizando êle mesmo, cada ano, séries de conferências. Possui a profunda convicção de que o ministro deve ser um homem agressivo na conquista de almas, e que êste deve ser o principal trabalho e a suprema vocação de todo homem que tenha sido consagrado ao ministério. Sentimo-nos muito felizes em tê-lo à frente do rebanho de pastôres.

Volvendo o olhar à Assembléia Ministerial realizada em Detroit, sob a sábia e entusiasta direção do Pastor Roy Allan Anderson, nossos pensamentos dirigem-se para a melhor assembléia a que tivemos o privilégio de assistir. Tanto o Pastor Anderson como os demais colegas que participaram da direção deste concílio ministerial, deram muita ênfase à necessidade do derramamento do Espírito Santo, como único meio para a terminação da obra. Notou-se a premência neste sentido, e a urgência de um ministério livre de pecado e incompatível com os negócios da vida secular, para que dessa maneira seus membros possam ser canais limpos em que fluam abundantemente as bênçãos de Deus.

Esta assembléia não dedicou tanto tempo aos métodos e formas de trabalho, como ao estudo da Palavra de Deus, a oração e os serviços de consagração. Salientou-se também que nossa maior necessidade, como ministros, é uma entrega plena aos propósitos de Deus.

Nosso coração comoveu-se muitas vezes com os fervorosos apelos de consagração, e no silêncio da meditação resolvemos reiteradas vezes ser mais fiéis a Deus e dedicar tôdas as nossas energias à pregação de Sua Palavra.

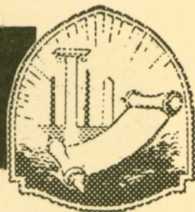
Por meio deste número de *O Ministério Adventista* e de outros sucessivos, queremos transmitir aos nossos companheiros de labuta o magnífico espírito de consagração que predominou nessas reuniões, esperando que inunde também o coração de todo crente na segunda vinda de Cristo.

A serva de Deus nos exorta a estudar mais acêrca do Espírito Santo e sua obra, a orar pe-

(Continua na pág. 10)



N. R. Dower



Maturidade Cristã e o Lar

(Conclusão)

ROY ALLAN ANDERSON

QUANDO a família de um médico ou de um ministro se torna uma equipe para Deus, ela atinge seu apogeu, e entre as muitas equipes de marido e esposa ao redor do mundo nenhuma contribuiu mais para a ciência médica do que os Drs. Paulo e Margarida Brand, do Colégio Médico Cristão de Vellore, na Índia. Durante vinte anos estes nobres cônjuges têm levado esperança e reabilitação a milhares de infelizes sofredores do temível flagelo da lepra. Às vezes esta enfermidade é denominada "a mais atroz de tôdas as doenças humanas." O que o Dr. Paulo tem feito no sentido de restaurar membros inutilizados e reativar dedos paralisados, ligando-os a impulsos nervosos sadios no antebraço do paciente pode incluí-lo entre os nomes de mais projeção na medicina.

Sua esposa, Dr^a Margarida, tem concentrado seus esforços principalmente na cegueira que amiúde está relacionada com a Enfermidade de Hansen. Sua colaboração nessa equipe tem sido relevante. Em certas ocasiões ela realiza umas cem operações por dia. Estes cirurgiões altamente especializados estão prestando considerável serviço, não só em favor dos sofredores da Índia, mas dos leprosos do mundo todo.

Que induziu os Brands a dedicar a vida à obra médico-missionária? Comoveu-se-lhes o coração com o panorama desesperador de 14 milhões de leprosos conhecidos. Reintegrar essas pessoas numa vida plena de serviço é uma alegria que não pode ser descrita em palavras.

Alguns aspectos de sua obra quase parecem inacreditáveis. Uma visita à instituição dirigida por eles é uma experiência inesquecível, bem como uma inspiração, pois percebe-se que todo o pessoal está imbuído do espírito altruísta dos Drs. Paulo e Margarida Brand. Diversos médicos adventistas labutaram com distinção no Colégio Médico de Vellore. Por certo não exis-

te maior obra do que ser médico missionário. Lemos no livro *A Ciência do Bom Viver*: "O médico que deseja ser um aceitável coobreiro de Cristo, esforçar-se-á por se tornar eficiente em todos os ramos de seu trabalho. Estudará diligentemente, a fim de se habilitar para as responsabilidades de sua profissão e buscará com afincos atingir uma norma mais elevada, procurando crescente conhecimento, maior habilidade e mais profundo discernimento." — Página 116.

Verdadeiros Médicos Missionários

"O verdadeiro médico missionário será um profissional de habilidade sempre maior." — *Idem*, pág. 117.

Eis como é aplicada aos médicos a admoestação do apóstolo Paulo: "Que os médicos mais moços cooperando também com Ele [o Médico-chefe], ... não recebam a graça de Deus em vão, ... não dando escândalo em coisa alguma, para que o ... humilde ministério [dos enfermos] não seja censurado; antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo." II Cor. 6:1-4." — *Idem*, pág. 116.

Da mesma pena provém esta clara instrução a todos nós que cooperamos com Deus: "Todo obreiro deve trabalhar inteligentemente, tendo em vista unicamente a glória de Deus. Cumpre-lhe cuidar de não abusar de nenhuma das facultades que lhe foram dadas por Ele." — *Evangelismo*, pág. 658.

"Os ministros de idade e experiência devem sentir ser seu dever, como servos assalariados por Deus, ir avante, progredindo a cada dia, tornando-se continuamente mais eficientes em sua obra, e colhendo sem cessar matéria nova para apresentar ao povo. Cada novo esforço para expor o evangelho devia ser um aperfeiçoamento ao anterior. A cada ano devem de-

envolver mais profunda piedade, espírito mais suave, maior espiritualidade, e conhecimento mais cabal da verdade bíblica." — *Evangelismo*, pág. 662.

Este apêlo para um espírito mais suave e mais profunda espiritualidade é significativo. Como homens e mulheres profissionais, somos constantemente desafiados a encontrar meios melhores e mais rápidos para tratar a enfermidade. As soluções de ontem não são suficientemente boas para as perplexidades de hoje. O Dr. Hammill, da Universidade Andrews, menciona que um grupo de alpinistas abrigados numa cabana discutiam a espécie de equipamento que lhes seria necessária. Havia ali por perto um idoso montanhês, e alguém perguntou-lhe qual seria seu conselho. Sua resposta foi clássica: "Quanto mais tiverdes na cabeça, menos tercis de levar na mochila." Mas o médico missionário necessita mais do que isso. Deus pode usar um ateu ou uma pessoa indiferente na vida espiritual para produzir uma nova vacina, mas para trazer nova visão a homens e mulheres despedaçados: Ele pode usar apenas cristãos dedicados. Precisamos mais do que perícia médica e acadêmica. Precisamos do Espírito de Deus. Belo tributo é prestado a Lucas quando ele é chamado de "médico amado."

O Espírito de Grandeza

Um dos homens realmente notáveis da América foi Abraão Lincoln. Embora ele e a esposa não fôssem cônjuges muito unidos, havia coisas louváveis a respeito de cada um deles. A Sr^a Lincoln era ambiciosa, e isso pode ter contribuído para o progresso do marido no mundo político. Mas era o coração afetuoso e o espírito amável do Sr. Lincoln que apelava às multidões. Diz-se que ele tinha braços tão longos que ao ficar em pé, os dedos tocavam nos joelhos. Talvez fôsse assim. Não eram, porém, as suas diferenças fisiológicas que o tornavam grande; era a sua índole psicológica e seu amor universal. Seu espírito de cordialidade causava profunda preocupação à esposa, especialmente quando os amigos de Lincoln pisavam sobre os lindos tapetes que ela possuía na Casa Branca. "Seu coração é tão grande como os seus braços," exclamou certa vez a Sr^a Lincoln. E isso era verdade.

O mundo há muito tempo esqueceu a Sr^a Lincoln e seus tapetes, mas Abraão Lincoln é amado ao redor do mundo. Tenho visto seu retrato em repartições governamentais na Índia, onde ele parece quase ser considerado como um patrono. Mesmo na República Soviética é-lhe tributada certa veneração. Uma das mais primorosas estátuas deste grande personagem encontra-se bem próximo da Abadia de Westmins-

ter, em Londres. Ele não foi o maior homem de negócios ou administrador que o mundo já teve, mas dedicava grande amor à humanidade e esse amor estendia-se até a seus inimigos políticos. Afirma-se que Lincoln nunca olvidava um ato de bondade, mas jamais se lembrava de uma afronta. Um de seus dizeres imortais declara o seguinte: "Tenho pena do homem que não pode sentir o açoite que fere as costas de outra pessoa." Sentir o que os outros sentem e compreender-lhes as necessidades é verdadeiro cristianismo.

Transformar os Adversários em Amigos

No auge da Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, um grupo especial reunira-se em Washington para fazer certas deliberações. Quando o presidente, em sua maneira bondosa, revelou preocupação pelo povo do Sul, uma mulher ergueu-se e disse: "Penso que o presidente devia compreender que lhe compete destruir os nossos inimigos, não simpatizar com eles."

Replicou Lincoln, com calma dignidade: "Senhora, quando transformo meus adversários em amigos, acaso não os destruí?" Não foi preciso dizer mais nada.

Não é o médico mais hábil ou o pregador mais eloqüente que conquista a comunidade, mas sim aquele que sabe como amar, que descobre uma maneira de cuidar dos órfãos e das viúvas, que sabe como confortar e animar os aflitos, solitários, desamparados e delinqüentes. Quando no círculo da família, na vizinhança e na igreja existe amor prático e abnegado em favor dos outros, o mundo contempla o cristianismo em ação.

O Céu Refletido em Nossos Lares

Estando nossos lares repletos da atmosfera do Céu, os descrentes serão levados a saber que Deus, e somente Ele, é amor. Nenhum ser humano é amor. Nós podemos e devemos ser amáveis. O maior argumento em favor do cristianismo é um cristão amoroso e afável.

Todos estamos cientes das duas palavras gregas para amor — *eros* e *agape*. A primeira refere-se ao amor humano; a segunda, ao amor divino. Quando a criatura toma o lugar do Criador, isso é amor erótico e pode facilmente degenerar em ódio. Mas quando o *eros* é eclipsado pelo *agape*, a vida assume nova dimensão, e jamais surgirá o problema da incompatibilidade. Esta é uma palavra estranha, pois quem já viu duas pessoas perfeitamente compatíveis durante todo o tempo?

É trágico ver alguém partir em busca de um novo companheiro, na suposição de que ele ou

ela supra o que somente Deus pode dar. Semelhante relação torna-se pouco mais do que uma sucessão de zeros. Quando esperamos que nosso Pai celestial satisfaça nossas necessidades, todos os outros interesses se tornam secundários. A vida é mais do que o alimento, disse Jesus, pois a vida consiste naquilo que é mais valioso do que as coisas materiais. Ela não é formada apenas pelo que possuímos, mas pelo que somos possuídos. O amor planejado por Deus não é apenas uma dádiva, mas uma descoberta e uma maneira de viver. Ele não é simplesmente algo que encontramos, mas algo que criamos. Contudo, o amor pode ser esmagado num instante. Cultivai-o, e ele florescerá mais e mais até à eternidade.

O amor humano deve ser o vestíbulo para o amor divino. É um impulso divino que leva um homem e uma mulher a juntos estabelecerem um lar. No entanto, nem o próprio Deus pode tornar um casal completamente feliz no casamento sem sua leal cooperação. Para que o matrimônio continue sendo um manancial de alegria, tenhamos as taças estendidas para receber o que ele nos quer dar.

O desenvolvimento durante o curso da existência é muito mais importante do que sua condição inicial. Para manter acesa a chama do amor deve-se dar atenção às palavras “você” e “sempre.” Acaso já notastes que todas as canções de amor trazem ao seu redor o círculo da eternidade? Jamais alguém disse no altar do casamento: “Amar-te-ei e honrar-te-ei durante dois anos e meio, ou vinte e dois anos e meio.” Não! é “para sempre!” Os anos, entretanto, produzem alterações, e se um pacote é avaliado apenas pelo seu envoltório, não devemos admirar-nos se o ouro perdeu o brilho. Mas “o ouro entremeado de fios de prata” pode dar mais profunda significação à vida.

Alguma tensão e ansiedade é inevitável no início, pois todas as coisas que crescem manifestam certa tensão. Os sóis e planetas são mantidos em suas órbitas pela gravidade, mas a gravidade realmente é tensão. A tensão é uma das leis da vida. Quando todos pensam do mesmo modo, talvez ninguém esteja pensando com seriedade. Nada é mais funesto do que ver duas pessoas respeitáveis combater-se uma à outra. Mas sempre é inspirador ver duas pessoas avançar juntas, apegando-se ao mesmo tempo à graça e ao poder divino, a fim de fortalecer seus esforços.

Um menino que tinha de cortar a grama prendeu seu cão na máquina usada para isso.

Mas a cada instante o animal parava e começava a latir. Um transeunte notou isto e disse para o menino: “Por que seu cão pára de puxar a máquina?”

A resposta do garoto foi esplêndida: “Oh! ele não pode puxar e latir ao mesmo tempo, por isso pára de puxar quando prefere latir.” Temos vista casais assim. Outros não ladram, vagueiam.

Lemos em Deuteronômio 12:13: “Guarda-te, que não ofereças os teus holocaustos em todo lugar que vires.” Gastar o tempo junto a todo altar à beira do caminho significa fazer uma trágica colheita. O caráter sagrado do lar é vital. Não devemos olvidar que a vida é em grande parte uma questão de escolha e ênfase. Apliquemo-nos, portanto, sempre ao que for mais importante.

Conservando o Brilho do Lar

Os reclamos de nossa profissão naturalmente são grandes, mas resolvamos manter tal equilíbrio em nossa vida familiar e social que as pessoas mais próximas de nós jamais se sintam feridas por parecermos não lhes dar importância. Formar um lar é ampliar a feição mútua a ponto de não somente incluir toda a família mas influenciar toda a comunidade. Não existe um lar, profissão ou igreja que não possam melhorar, se isto for feito da devida maneira.

O lar deve ser um lugar sagrado em que os membros da família celebrem o culto cada dia. Quando o Senhor instituiu o culto em Israel, Ele colocou o santuário no meio do povo. E, por certo, estamos lembrados de seu formato. Havia o pátio exterior, depois o Lugar Santo e então o Lugar Santíssimo. Este aposento interior era reservado apenas para o sumo sacerdote. Imaginemos agora os nossos lares sob este aspecto. O pátio é onde recebemos nossos amigos. Podemos ter salutar companheirismo com eles. Podemos aproximar-nos do altar e unir-nos com eles em adoração a Deus, mas em seguida existe o Lugar Santo em que oficiava a família dos sacerdotes. Isto pode representar os nossos lares. Existia, porém, ainda o lugar Santíssimo, que era conservado intato. Podemos fazer com que isto represente a relação matrimonial no lar. Pois o casamento não é uma fusão, mas uma comunhão, e a comunhão pode tornar-se mais rica com o passar dos anos.

As Escrituras indicam que o marido e pai é a cabeça do lar, mas a esposa e mãe é o coração do lar.

“Cada ação de nossa vida toca alguma corda que vibrará na eternidade.” — E. H. CHAPIN.

Um Convite ao Silêncio

RUSS SPANGLER JR.

Pastor na Associação de Alberta — EE. UU.

Nesta ruidosa e delirante era espacial um convite ao silêncio quase parece ridículo, mas é provém da mais alta das autoridades: "Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus."



VIVEMOS na época em que se tem dito que a próxima geração terá olhos do tamanho de cantalupos e cérebros do tamanho de ervilhas. Caso fôsse verdade que um membro do corpo aumenta ou diminui em proporção direta com a quantidade de exercício que recebe, aquela declaração

bem poderia demonstrar-se verídica.

É um fato hoje em dia que devido aos meios de comunicação e entretenimento, as pessoas em geral passam pouco tempo pensando. Não precisam fazê-lo, nem o desejam; e farão tudo para evitá-lo! Se assistirem a alguma preleção, esta terá de ser curta e divertida; do contrário preferem ficar em casa vendo televisão, ir ao cinema ou assistir a uma competição esportiva — juntamente com milhares de outros espectadores.

Esta filosofia — e é isto que nos deve preocupar — também se está fazendo sentir nos círculos religiosos e eclesiásticos. As pessoas hoje em dia estão-se acostumando tanto a ser espectadoras que muitas delas não comparecem mais à igreja para prestar culto, mas sim para serem entretidas pelo ministro, pelo cântico, por outra música especial ou para descobrir quais serão as atividades sociais planejadas para a próxima semana. Quase desapareceu o verdadeiro objetivo de ir à igreja — *adorar a Deus*. É concebível que algum dia os protestantes deixarão de frequentar a igreja por mero costume e por acharem que poderão obter melhor "entretenimento" assistindo a concertos, jogos esportivos ou fitas cinematográficas.

Como ministros adventistas do sétimo dia, não temos o dever de reconhecer e exaltar o verdadeiro objetivo dos cultos de igreja? Dêste modo — por meio de sincero e reverente culto a Deus — o cristianismo poderá ser revitalizado.

Um Convite ao Silêncio

A vida moderna tem sido sintetizada em três palavras: *pressa, preocupação e morte*. Todas as

facilidades e invenções modernas não têm proporcionado mais tempo para pensar, para conservar a serenidade ou para prestar culto. O ritmo, na verdade, parece ter aumentado. Todos estão ocupados e apressados; a velocidade é o fator mais essencial. Em meio a este ruidoso e delirante Século XX um convite ao silêncio quase parece ridículo. No entanto, esse convite nos é feito pela mais alta das autoridades: "Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus." Sal. 46:10.

É uma fórmula simples e diminuta, e talvez seja por isso que ela tantas vezes é passada por alto, mesmo na própria hora de culto na igreja. Não obstante, é principalmente no culto que o silêncio é apropriado e benéfico. Eis como o expressou certo escritor: "O silêncio é o que mais convém ao simples homem na presença do Eterno." ¹ Disse outra pessoa: "Prestar atenção a Deus no culto é mais importante do que ouvir qualquer homem pregar." ²

Por mais excelente que seja o sermão, se as pessoas apenas foram ouvir a um homem e comunicar-se com amigos, motivados pelo senso do dever ou por força do hábito, perderam o genuíno objetivo e bênção do culto. Os adventistas não constituem uma exceção. Não é um segredo que nossa reverência muitas vezes se tem feito notar por sua ausência. Talvez seja oportuno pararmos de mimar nossas congregações, e conferir-lhes tempo para pensar. Poderá ser penoso a princípio, mas todos precisam de tempo para refletir e adorar em silenciosa meditação.

Silenciosos períodos de oração e meditação podem contribuir muito mais do que qualquer outra coisa para lembrar os indivíduos de que vieram adorar a Deus e não só ouvir a pregação de Seu servo, o ministro.

Sentimos Falta de Silêncio?

O indivíduo cortês não monopoliza a conversação quando se encontra com os amigos. Por que então os cristãos não manifestam a mesma cortesia para com Deus, deixando que Ele lhes

fale durante e após suas orações particulares? Os cristãos, em geral, quando vão à igreja, não parecem adorar a Deus desta maneira.

Evidentemente, o espectador mimado não deseja ver pausas e interrupções no programa; êle detesta os "terríveis" períodos de silêncio. Com efeito, nalgumas igrejas dá-se o caso de que se houver mais do que alguns segundos de silêncio desde o início dos anúncios até o poslúdio, as pessoas achem que ocorreu algo de drástico no programa. Os pastôres e suas comissões litúrgicas abarrotam tanto o culto das manhãs de sábado que se tem de levar em conta até as frações de segundo para terminar na hora certa.

Entretanto, pode haver um motivo mais sutil detrás dêste programa acelerado, que revele certa condescendência com o desejo que as pessoas têm de não haver pausas deselegantes. Jorge Fiske refere-se a isto como o "horror da pausa." Diz êle:

"Tudo que é lento é completamente intolerável. Os hinos têm de estar em ritmo acelerado, e cada parte do culto precisa ser breve. Se o ministro fizer uma pausa durante a oração ou o sermão, supõe-se que êle tenha parado por falta de idéias. Em vez de incentivar os adoradores à meditação particular, o silêncio desperta sua comiseração. Receiam que êle tenha esquecido o que queria dizer! Se o ministro esperar durante meio minuto, êles ficam preocupados. Êle deve estar doente! Se acaso o pregador não tomou a precaução de sugerir 'alguns momentos de oração silenciosa,' êles logo ficam inquietos, ansiosos e enfastiados. O horror da pausa é uma experiência extremamente comum."³

Talvez o ruído e a falta de reverência nos façam lembrar, como a Israel no passado, que "o Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante d'Ele tãda a Terra" (Hab. 2:20).

Razões Para o Silêncio

Um dos motivos principais para êste silêncio já foi apresentado. O silêncio é o que mais convém a um simples homem na presença do Eterno. Nós os seres humanos não somos de modo algum tão reverentes como deveríamos ser. Escreveu Ellen G. White:

"A verdadeira reverência para com Deus é inspirada por um sentimento de Sua infinita grandeza, e de Sua presença. . . . A hora e o lugar da oração são sagrados, porque Deus Se encontra ali, e, ao manifestar-se reverência em atitude e maneiras, o sentimento que inspira essa reverência se tornará mais profundo. 'Santo e tremendo é o Seu nome,' declara o salmista. Ao proferirem êsse nome, os anjos velam o rosto. Com que reverência, pois, devemos nós, caídos e pecadores, tomá-lo nos lábios!"⁴

É difícil crer como os mortais podem ser tão irreverentes como são. Tomando-se em consideração os cochichos, as conversas e os risos que ocorrem na casa de Deus, chega-se à conclusão de que é necessário um remédio para isso. Sallia ainda a Sr^a White:

"Se os crentes, ao entrarem na casa de oração, o fizessem com a devida reverência, lembrando-se de que se acham ali na presença do Senhor, *seu silêncio redundaria num testemunho eloquente.*"⁵

A meditação e a oração silenciosa — se apresentadas e dirigidas corretamente — podem produzir uma atmosfera apropriada para a adoração. Isto ajudaria a corrigir a filosofia errada dos adoradores — de que vieram para observar e ouvir, mas não para participar.

Os atos de silêncio coletivo no culto atrairiam a congregação para mais perto de Deus e de si mesmos. Uma parte essencial e importante do culto protestante, mesmo que pareça ser negligenciada e esquecida ultimamente, deve consistir na positiva e genuína participação da congregação.

Provavelmente a melhor coisa relacionada com esta ênfase à reverência e ao silêncio é a atmosfera resultante, que acentua o restante do culto. Permite que o adorador se afaste do mundo e prepare o coração para desfrutar as bênçãos do culto que virá em seguida. Não existe conflito entre o silêncio e o sermão; não é uma questão de eliminar um ou outro. Êles devem completar-se entre si. Um período prévio de preparo, meditação e oração só poderá aumentar as bênçãos que serão obtidas do sermão. Haverá então um espírito receptivo por parte das pessoas.

O Efeito do Silêncio

Muitas vezes se tem dito que "o silêncio vale ouro," que "as águas paradas são profundas" etc. Parece haver nisto um apêlo encantador que êste mundo buliçoso necessita desesperadamente. Assim se expressou Guilherme McNutt:

"Que o silêncio seja exaltado nas igrejas! Êle não somente vale ouro; é tranquilizador, purificador e terapêutico. As dobras de suas vestes conduzem beleza e saúde; aproveitai-o!"⁶

Por mais difícil que seja, se o pastor conseguir convencer seu agitado e preocupado auditório de que existe bálsamo curativo na adoração silenciosa, e que êles serão atraídos para mais perto de Deus, o efeito que isto produzirá sôbre a espiritualidade da igreja será bem evidente. A Sr^a White apresenta êste maravilhoso efeito como uma necessidade para os que pretendem ser discípulos de Jesus:

"Precisamos ouvir individualmente Sua voz a nos falar ao coração. Quando tãdas as ou-

tras vozes silenciam e em sossêgo esperamos perante Êle, o silêncio da alma torna mais distinta a voz de Deus. Êle nos manda: 'Aquie-tai-vos, e sabeí que Eu sou Deus.' Sômente assim se pode encontrar o verdadeiro descanso. E é essa a preparação eficaz para todo trabalho que se faz para Deus."⁷

Os Quacres Estabeleceram um Sistema Baseado no Silêncio

Provavelmente, as pessoas mais aptas para mencionar o efeito do silêncio sejam os quacres. Êles realçam o silêncio e a meditação. Na verdade, basearam todo um sistema de culto neste fundamento. O ambiente desta Sociedade de Amigos foi descrito da seguinte maneira:

"Existe uma unidade espiritual produzida na adoração silenciosa que constitui uma experiência familiar de cada Amigo [quacre] e é uma de suas possessões mais caras. Dêste vivo silêncio e desta fértil meditação brota então uma comunhão espiritual que é a mais fina flor do quacrismo, e que está repleta de auxílio e inspiração para aqueles que a têm experimentado."⁸ Para êles, êste sacramento do silêncio é uma parte bem positiva do culto.

Se os quacres podem obter tanto benefício desta experiência, por que não será de proveito para todos? Êles não têm direito exclusivo sôbre o Espírito Santo, e são os primeiros a admiti-lo. É estranho (e interessante) notar que tanto a Igreja Católica Romana como a Sociedade de Amigos salientam a importância do silêncio. Os católicos com freqüência culminam a parte mais dramática da missa por um período de silêncio. Devem êles ser os únicos a receber as bênçãos proporcionadas pelo silêncio?

Ao considerar os efeitos do silêncio, convém notar que êles são melhorados pela beleza do ambiente, pela ordem e pela música suave. Não é a tranquilidade destituída de sentido — a mera ausência de ruído — que é desejável. Nem tão pouco o deixar a mente vaguear pelos assuntos seculares. O silêncio é uma ocasião para refletir sôbre os acontecimentos da semana que passou — nossos defeitos e as bênçãos de Deus — uma ocasião para resolver agir melhor com a ajuda de Cristo, uma ocasião para pensar nos outros e na maneira de auxiliá-los, uma ocasião para refletir e meditar nas obras de Deus ou no cuidado protetor de Suas mãos, uma ocasião para prestar atenção à suave e meiga voz de Deus, uma ocasião para sincera e reverente *oração silenciosa*.

Se o pastor apresentar eficazmente as razões e vantagens do silêncio, com apropriadas citações bíblicas e sob um aspecto conveniente, êle demonstrar-se-á excelente meio de adoração.

Lugar para o Silêncio

Talvez o mais natural e melhor lugar para introduzir o silêncio seja no serviço de comunhão. Em razão de ser a Ceia do Senhor um sacramento e um símbolo, estabeleceram-se grandiosas liturgias a seu respeito. A maioria delas incluem o silêncio, pois as palavras são simplesmente inadequadas. É provável que não exista melhor oportunidade de a meditação do homem atraí-lo para mais perto de Deus. Contudo, às vêzes há ministros com tanto receio de fazer uma pausa — alguns segundos de silêncio — que se apressam a preencher o tempo com palavras sem sentido, que mais servem para depreciar a cerimônia do que para aumentar-lhe o valor.

O começo de qualquer culto de igreja é outro período apropriado para o silêncio. Quão confortador é ver alguém entrar na igreja e curvar-se em oração silenciosa, em vez de examinar o boletim para ver os eventos sociais da próxima semana. Quão admirável seria o resultado se todos simplesmente fizessem uma pausa para pedir uma bênção no início da reunião!

Sendo que o silêncio realiza tanta coisa em nosso favor, talvez fôsse conveniente incluí-lo no programa regular da hora de culto — não um período demasiado longo, mas apenas dois a cinco minutos imediatamente antes da oração pastoral, por exemplo. Em seu livro *The Recovery of Worship* (A Restauração do Culto), Jorge W. Fiske apresenta excelente esboço de um "Serviço de Silêncio," da maneira como é usado por um ministro.⁹ Êle sugere proveitosas idéias que merecem ser experimentadas em muitos mais lugares.

O silêncio é necessário e vital no culto, para a devida reverência a Deus. Êle é usado por alguns nas devoções particulares e na vida diária. Por que não tornar também acessíveis no culto público as bênçãos da oração e meditação reverente, vivificante e silenciosa?

Contudo, há o perigo de levar o silêncio ao excesso. Talvez o melhor exemplo fôsse o homem que amasse a esposa em silêncio durante quarenta longos anos, e com genuíno amor. Não seria muito melhor se êle expressasse ocasionalmente a sua afeição, mesmo de forma entusiástica?¹⁰ Lemos também na Bíblia: "Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os confins da Terra; aclamai, regozijai-vos, e cantai louvores." Sal. 98:4. Isto, naturalmente, tem seu devido lugar, mas as pessoas da atualidade, que já são instigadas pelos clamores e complicações dum mundo turbulento e agitado, necessitam do bendito ministério do silêncio. É o silêncio, não o bulício, que está faltando atualmente e

(Continua na pág. 24)

A Postura na Oração

WALTER NOACK

Pastor na Alemanha



A TRAVÉS de todos os séculos e em tôdas as religiões Deus é invocado com reverência e veneração. Quando observamos os adoradores de religiões não cristãs na África, Ásia ou no Oriente

Próximo, notamos que todos êles se inclinam, ajoelham-se ou até tocam o solo com a

testa e erguem ou dobram os braços. Por que seria diferente com os filhos de Deus?

O Espírito de Profecia menciona muita coisa sôbre devoção, respeito, reverência e postura nos *Testemunhos Seletos*:

“O ministro deve entrar na casa de oração com uma compostura digna e solene. Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em silenciosa oração e pedir fervorosamente a assistência de Deus. . . . Cada um dos congregados deve, de cabeça inclinada, associar-se ao pregador em silenciosa oração. . . . Ao ser aberta a reunião com oração, cada qual deve ajoelhar-se na presença do Altíssimo e elevar o coração a Deus em silenciosa devoção. . . . [Às vêzes] são os moços e môças que revelam tão pouco respeito pela casa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação. . . . Deus quer ouvintes atentos.” — Vol. 2, págs. 195 e 196.

São, porém, apenas os jovens que se mostram desatentos durante o sermão e a oração?

As Escrituras não deixam dúvidas quanto à reverência que se deve manifestar na oração. O profeta Daniel *ajoelhava-se* em oração três vêzes no dia (Daniel 6:10). Jesus diz que o publicano estava *em pé* no templo, e orava (S. Luc. 18:13). Os apóstolos ajoelhavam-se na oração (Atos 9:40; 20:36; 21:5). O apóstolo Paulo deu a seguinte instrução a seu jovem coobreiro: “Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade.” I Tim. 2:8.

Vários países e continentes podem ter diferentes atitudes e costumes para expressar reverência e veneração, mas para os que proclamam as três mensagens angélicas de acôrdo com Apocalipse 14, a admoestação da primeira mensa-

gem é válida em todo o tempo e em tôda a parte: “Temei a Deus e dai-Lhe glória; . . . e adorai Aquêle que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.” Visto que êste reclamo de Deus abrange *todos* os aspectos da vida cristã, a atitude reverente na oração não pode ser eliminada; portanto, inclinemo-nos ou ajoelhem-nos, e adoremos a Deus.

Despedida e Boas-Vindas

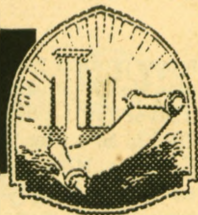
(Continuação da pág. 3)

dindo o derramamento da chuva serôdia, a conversar uns com os outros a respeito desta grande esperança que concluirá a obra de Deus. Insta igualmente conosco para que preguemos muitas vêzes em nossas igrejas sôbre o Espírito Santo, Sua natureza, Sua obra e o preparo que nos compete fazer para recebê-Lo em nosso coração. Queira o Céu ajudar-nos para que isto seja uma pronta realidade e possamos ver com alegria milhares de almas batizadas, preparando-se para entrar nas mansões eternas.

Foi um momento sumamente emotivo quando na última noite o Pastor Roy Allan Anderson, êste veterano que prestou 47 anos de fiel serviço a Deus, anunciou que solicitara sua jubilação. Proferiram-se muitas palavras de aprêço, e lágrimas de gratidão deslizaram pelas faces de muitos quando êle apresentou sua última mensagem aos ministros ali reunidos, animando-os a continuar firmes na tarefa de salvar almas. O Pastor Anderson concluiu suas declarações manifestando que agora, ao jubilar-se, não se dedicaria a nenhuma outra atividade, mas que desejava morrer pregando detrás de um púlpito. Que exemplo digno de todo pastor! Queira o Senhor abençoar êste fiel servo de Deus, e agradeçamos ao Senhor por o havermos tido durante tantos anos como nosso “Chefe” no Ministério Adventista. Enfrentemos o desafio de receber a unção do Espírito Santo e apressemos o passo para terminar a obra que nos foi confiada.

A. E. SCHMIDT

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



O Tempo da Crucifixão e Ressurreição de Jesus

J. O. WILSON

Ministro Jubilado, Luisiana - EE. UU.



HÁ pessoas que parecem preocupar-se muito com a data da crucifixão de Jesus. O importante é que Ele "morreu pelos nossos pecados" e "ressuscitou" para podermos receber a vida por Seu intermédio (I Cor. 15:3 e 4). Mas, como alguns dão tanta ênfase a esta questão, vejamos o que a Bíblia ensina a respeito

do tempo da crucifixão e ressurreição de Jesus.

Alguns declaram que a crucifixão ocorreu na quarta-feira, porque Jesus disse que Ele estaria três dias e três noites no coração da Terra (S. Mat. 12:40). Muitas passagens declaram, porém, que Jesus afirmou que ressuscitaria no terceiro dia (ver S. Mat. 16:21; 17:23; 20:19; S. Mar. 9:31; 10:34; S. Luc. 9:22; 18:33; 24:7 e 46; I Cor. 15:4). Ora, *certamente Ele não poderia permanecer na sepultura todo o terceiro dia, e ainda ressuscitar nesse mesmo terceiro dia.*

Jesus Sabia Qual Era o Dia

É óbvio que as diversas expressões acêrca do tempo de Sua ressurreição referem-se ao mesmo período de tempo. Por certo Jesus não diria que permaneceria três dias na sepultura para ressuscitar "depois de três dias," afirmando então em várias outras ocasiões que ressuscitaria "no terceiro dia," se estas expressões não se referissem ao mesmo tempo para Sua ressurreição. Ele sabia muito bem quando sairia da sepultura. Não estava fazendo conjeturas ou

declarações vagas e imprecisas a êsse respeito. Não afirmava numa ocasião que ressuscitaria no sétimo dia, e noutra ocasião, que ressurgiria no primeiro dia da semana. Evidentemente, tôdas as declarações que Ele fêz com referência ao tempo de Sua ressurreição devem ter o mesmo significado.

Até os Inimigos Compreenderam

Outra evidência disto é o fato de que as pessoas que ouviram Suas declarações não nutriam qualquer dúvida quanto ao que Ele queria dizer. Quando Jesus afirmou que ressuscitaria "no terceiro dia," os discípulos não disseram: "Mestre, o Senhor disse há algum tempo que ressuscitaria 'depois de três dias,' e agora declara que isto se dará 'no terceiro dia.' Qual é a expressão certa?" Não, não havia dúvida ou confusão na mente de Seus ouvintes quanto ao sentido do que Ele queria dizer.

Até Seus inimigos usavam essas expressões alternadamente. Dirigiram-se para Pilatos e disseram: "Aquêlo embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia." S. Mat. 27:63 e 64.

Há numerosos exemplos na Bíblia quanto ao uso da expressão "o terceiro dia," e ela sempre se refere ao que chamaríamos de "o dia depois de amanhã." Os judeus computavam o tempo pelo sistema inclusivo. O dia atual era o primeiro dia. Em Êxodo 19:10 e 11 lemos algo sôbre a preparação que os filhos de Israel deviam fazer a fim de encontrar-se com o Senhor: "Purifica-os hoje e amanhã . . . , e es-

tenham prontos para o terceiro dia." Outros exemplos de "hoje, amanhã e o terceiro dia" encontram-se em Levítico 7:16-18; 19:5-7; I Samuel 20:12; S. Lucas 13:32 e 33 etc. Lemos em II Crônicas 10:5 que Roboão recomendou ao povo que voltasse a ele "após três dias," e no verso 12 é mencionado que eles vieram "ao terceiro dia" — como o rei Roboão lhes ordenara. Portanto, "depois de três dias" e "no terceiro dia" significavam a mesma coisa para eles.

O relato declara que Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana: "Havendo Ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios." S. Mar. 16:9. Os dois discípulos que caminharam para a aldeia de Emaús naquele mesmo dia da semana (S. Luc. 24:1 e 13), disseram ao contar a história da crucifixão para o Estranho que os acompanhou: "É já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam" (verso 21). *Constitui isto uma declaração positiva de que o primeiro dia da semana era o terceiro dia após a crucifixão. E nenhum método de contagem poderia tornar a quarta-feira o dia da crucifixão, sendo o domingo, o primeiro dia da semana, o terceiro dia após a crucifixão.* O domingo seria o quinto dia depois da quarta-feira, segundo o método inclusivo de os judeus computarem o tempo.

O Relato, é Claro

O relato da crucifixão e do sepultamento de Jesus, conforme a narração de Lucas, é tão claro que não é preciso haver qualquer dúvida quanto ao dia da crucifixão e ao dia da ressurreição. Ele declara que José, "tendo procurado a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus" e O sepultou (S. Luc. 23:52 e 53). "Era o dia da preparação e começava o sábado" (verso 54). Após depositarem Seu corpo no túmulo, eles se retiraram "e no sábado descansaram, segundo o mandamento" (versos 55 e 56). Em seguida é mencionado como foram ao túmulo bem cedo no primeiro dia da semana, e encontraram-no vazio (S. Luc. 24:1-7).

De acordo com o quarto mandamento, o sábado é o sétimo dia da semana (Êxo. 20:8-11). Portanto, o dia da crucifixão foi o sexto dia da semana, e o dia da ressurreição o primeiro dia da semana e o terceiro dia depois da crucifixão. O anjo disse que era o terceiro dia (S. Luc. 24:7).

Alguns têm dito que o sábado após a crucifixão era o sábado da páscoa, e que naquele ano ele caiu numa quinta-feira. O sábado da páscoa deve ter caído naquele ano no sétimo dia da semana, pois em S. João 19:31 lemos que "era grande o dia daquele sábado;" isto porque

o sábado da páscoa e o sábado do sétimo dia caíram no mesmo dia naquele ano.

Se o sábado da páscoa ocorreu na quinta-feira naquele ano, e Jesus foi crucificado na quarta-feira, por que esperaram os discípulos até o domingo de manhã para ir ao túmulo completar a obra de embalsamar o corpo de Jesus? Por certo teriam feito isto na sexta-feira.

Cai por Terra o Principal Apoio da Teoria da Crucifixão na Quarta-Feira

Examinemos agora mais de perto o texto que alguns pensam exigir que a crucifixão tenha ocorrido na quarta-feira, a despeito das muitas passagens que afirmam que Jesus ressuscitaria no terceiro dia. Referimo-nos a S. Mateus 12:40: "Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da Terra."

Em realidade, isto não diz coisa alguma sobre a sepultura. "No coração da Terra" é obviamente uma expressão figurada. Interpretá-la literalmente, aplicando-a ao mesmo tempo à sepultura de Jesus, seria dizer que a sepultura de Jesus estava no "coração" ou centro da Terra, o que naturalmente não é verdade. Considerando-a como linguagem figurada e aplicando a palavra "Terra" aos poderes terrestres — os inimigos de Jesus — o sentido se torna claro.

Até esse tempo Jesus fôra protegido de Seus inimigos. Eles haviam muitas vezes procurado prendê-Lo; "Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-Se," "porque ainda não era chegada a Sua hora" (S. Luc. 4:30; S. João 7:30). Mas agora chegara o Seu tempo, e Ele não foi mais protegido contra a prisão, nem opôs resistência a ela.

Evidentemente Judas elaborou seus planos na quinta-feira para trair o Mestre, e talvez até antes. Por isso, pelo menos da quinta-feira em diante, Jesus encontrava-Se nas mãos de Seus inimigos, à mercê dos poderes terrestres, "no coração da Terra." Desde esse tempo até Sua ressurreição triunfante, Satanás e os homens ímpios esforçaram-se ao máximo para destruir o Filho de Deus. Ele esteve três dias e três noites nas mãos deles. Assim, cai por terra até o principal apoio para a crucifixão na quarta-feira.

Quanto ao tempo de Sua ressurreição, já citamos diversos textos declarando que ela devia ocorrer no terceiro dia depois de Sua crucifixão. Jesus disse aos onze (e talvez a outros) na sala em que se haviam reunido "com medo dos judeus," que Sua ressurreição no terceiro

(Continua na pág. 16)

Por que os Adventistas do Sétimo Dia Estão Sendo Bem Sucedidos*

GUILHERME J. WHALEN

CEM anos atrás todos os adventistas do sétimo dia que havia no mundo poderiam ter realizado uma reunião num auditório de tamanho médio. Os 4.000 adventistas em 1865 viviam nos Estados Unidos e no Canadá.

Desde então os adventistas têm estendido silenciosamente sua rede de igrejas, escolas, missões e casas publicadoras através de um mundo que eles creem firmemente encontrar-se em seus derradeiros dias. Atualmente, essa igreja que surgiu na América do Norte trabalha em 189 países e relata 1.428.000 membros adultos.

Ao contrário da maioria das denominações cristãs, a Igreja Adventista do Sétimo Dia mal foi atingida pelo atual movimento ecumênico. As principais igrejas protestantes não têm mais contatos com os adventistas do que o catolicismo. Alguns teólogos incluem os adventistas juntamente com os mórmons, os adeptos da Ciência Cristã e as testemunhas de Jeová na categoria de "cultos" ou seitas, ao passo que alguns fundamentalistas influentes têm instado com seus companheiros protestantes para que façam uma nova análise do adventismo e alterem talvez aquele rígido julgamento.

A situação do catolicismo romano não é muito boa na pregação e na literatura adventista. Alguns autores adventistas efetuam um ataque antiquado contra a Igreja de Roma, cujos papas foram responsáveis pela mudança da obser-

vância do sábado para o domingo, levando assim a cristandade para a apostasia.

Tendo isto em mente, talvez duvidemos que os católicos possam aprender alguma coisa de seus vizinhos adventistas. É possível que uma denominação tão afastada da herança católica tenha algo a oferecer-nos? Penso que sim!

Do mesmo modo que os católicos, os adventistas do sétimo dia estão profundamente envolvidos na educação paroquial. Com efeito, os adventistas mantêm o maior sistema mundial de escolas particulares depois da Igreja Católica Romana. Seu sistema educacional abrange 5.074 escolas com 342.472 alunos, desde o jardim da infância até os cursos universitários.

As congregações adventistas procurarão abrir uma escola primária se houver uns 20 alunos que queiram matricular-se. Nos Estados Unidos somente a Igreja Católica e o Sínodo da Igreja Luterana de Missouri dirigem mais escolas paroquiais. Contudo, os adventistas matriculam uma porcentagem mais elevada de seus jovens nas escolas da igreja do que qualquer outra denominação. Presentemente os adventistas educam seis dentre cada dez de seus membros em idade escolar, em suas próprias instituições, desde o curso primário até o curso superior. Nós católicos não atingimos esta porcentagem no nível secundário ou superior.

Essa igreja relativamente pequena, que possui 346.000 membros adultos nos Estados Unidos, sustenta duas universidades, dez colégios e dois ginásios. Seu bastante conceituado centro médico na Universidade de Loma Linda, Califórnia, prepara médicos, dentistas e outras pessoas especializadas. A Igreja Adventista dirige mais colégios e universidades do que a Igreja Episcopal Protestante, que é dez vezes maior, ou do que as Igrejas Cristãs (Discípulos de Cristo) que são sete vezes maiores. Uma pesquisa recente indica que há três vezes mais adventistas formados em colégios do que se dá com a população norte-americana em geral.

O que nós católicos devemos ter em mente é que este amplo sistema educacional é financiado sem os serviços gratuitos de freiras, frades e sacerdotes. Os salários adventistas não enriqueceriam qualquer professor, mas são mais eleva-

* Este artigo foi publicado na revista *U. S. Catholic*, e seu autor é lente de História na Universidade de Purdue.

Para preparar este artigo o autor deve ter feito muita pesquisa a respeito da história e da condição atual do adventismo. Isto constitui excelente exemplo de boas relações públicas para com os que mantêm diferentes pontos de vista teológicos. Mesmo ao tocar na questão do sábado e do anticristo, este autor não revela uma atitude maliciosa, e termina com o anseio de que seus companheiros católicos romanos abandonem as "defesas da Contra-Reforma" e tenham "inteligência para distinguir entre as inaceitáveis asserções teológicas e os métodos e costumes que podem ser colocados a serviço da igreja." Todos os que são convidados a comentar sobre as crenças de outros encontram neste artigo louvável ilustração de cortesia cristã. — *Os EE.*

dos do que aquilo que a maioria das escolas católicas pagam às freiras que lecionam. A necessidade de muitos mais professores leigos nas escolas paroquiais tem causado pânico a alguns católicos; pois afirmam que a comunidade católica não pode arcar com semelhante aumento nas despesas. O fato é que nossos amigos adventistas e luteranos durante décadas têm provido professores assalariados para suas escolas primárias.

Na verdade, o sistema educacional adventista não funciona à base de centavos. Os adventistas situam-se perto do ponto mais alto de todos os membros de igreja, no tocante às contribuições *per capita* para sua organização. A maioria deles pertencem à classe média e daí para baixo; eles raramente se encontram nas altas camadas de corporações ou na Wall Street. Mas em 1962 cada adventista contribuiu em média com 213,97 dólares para sua igreja, e mais 38,46 dólares para as missões. Convém lembrar que esses algarismos são por membro, não por família. Podemos multiplicá-los por três para obter a média da contribuição familiar: cerca de 750 dólares.

Quantas famílias católicas de classe média, que gemem por causa do custo ascendente da educação paroquial, procuram cumprir sua obrigação para com a igreja, atirando um dólar ou dois no cêsto da coleta, aos domingos? Naturalmente, a educação orientada pela religião custará dinheiro, mas a evidência indica que os católicos opulentos deste país não têm começado a sacrificar-se na proporção em que alguns de seus vizinhos protestantes se têm sacrificado em favor de suas igrejas, escolas e missões.

Espera-se que os adventistas contribuam com dez por cento de sua renda total, sem deduzir os impostos. Além desse dízimo básico, muitos adventistas dão outros 10 por cento para manter o programa missionário, educacional, médico, de assistência social e de publicações, pertencente a sua igreja.

Podemos esperar que uma igreja que aguarde o fim do mundo a qualquer momento concentre a atenção exclusivamente em assuntos religiosos. É o que sucede com as testemunhas de Jeová, que não possuem hospitais, asilos, orfanatos, colégios e clínicas. Seu único interesse parece ser advertir a humanidade da iminente batalha do Armagedom.

Não assim com os adventistas. Sua crença na Segunda Vinda não arrefeceu seu empenho em favor da educação, do cuidado médico ou do serviço em prol de outros. Nenhuma igreja pode apresentar mais impressionante relatório de serviço médico do que os adventistas do sétimo dia, levando-se em conta o número total de seus adeptos.

No ano passado foram tratados mais de 3.850.000 pacientes nos 124 hospitais e 146 clínicas adventistas. Ao redor do globo, os adventistas empregam 488 médicos, na maioria formados em Loma Linda, e outros 15.642 obreiros empenhados na obra médica. No total de hospitais estão incluídos 37 dos Estados Unidos e do Canadá.

Desde os seus primeiros dias os adventistas têm promovido a reforma pró-saúde, a prevenção e a cura das enfermidades. Um membro leigo adventista, o Dr. J. H. Kellog, inventou os flocos de cereais e alterou o cardápio da primeira refeição do dia em milhões de lares americanos. Os adventistas estabeleceram o sanatório inicial de Battle Creek para tratamento de distúrbios nervosos, e introduziram as técnicas da hidroterapia e fisioterapia.

O respeito pelo corpo humano tem levado os adventistas a insistir na abstinência total de bebidas alcoólicas, fumo e narcóticos. Por motivos análogos de saúde, que podem ser contestados, a maioria dos adventistas adotaram o vegetarianismo. Mesmo os adventistas que não são vegetarianos observam as proibições do Velho Testamento contra o comer carne de porco, presunto e moluscos.

Estudos comparativos indicam que estes preceitos de saúde tornam os adventistas menos suscetíveis às enfermidades cardíacas, ao câncer pulmonar e a outros assassinos. Nós católicos por vezes nos contentamos em defender o uso de bebidas alcoólicas e do fumo pelos cristãos, e em combater a proibição sem prover aos nossos jovens uma declaração sobre os valores positivos que a temperança e mesmo a abstinência exercem sobre a saúde.

Quase todos os protestantes e católicos rejeitam a interpretação adventista de que o mandamento do sábado exige a observância do sétimo dia. Não obstante, podemos tirar proveito de examinar como os adventistas procuram santificar seu dia de guarda. Para o adventista devoto o sábado começa no pôr do Sol da sexta-feira, como também sucede com os judeus ortodoxos. As refeições são preparadas na sexta-feira, para que a confecção do alimento não tome o tempo da dona de casa, no sábado. A manhã desse dia é passada na igreja e na Escola Sabatina. O restante do dia é dedicado à leitura e ao estudo da Bíblia, e a simples recreações familiares, tais como passeios pela Natureza, orações e palestras sobre assuntos bíblicos, com amigos. O rádio e a televisão mantêm-se silenciosos até o fim do sábado, no pôr do Sol desse dia.

Podemos contrastar esta observância do sábado com a que caracteriza a conduta de milhões de cristãos? Em muitíssimos lares o domingo pode ser um dia livre de trabalho re-

gular, mas é realmente apenas outro dia da semana. Se fizermos um passeio pela vizinhança veremos cristãos pintando a casa, lavando o carro, colocando anteparos de janelas ou toldos e realizando outros projetos. Sabemos que os armazéns e centros comerciais não teriam tanto lucro no domingo se milhões de cristãos não escolhessem esse dia da semana para comprar móveis, automóveis, utensílios, artigos de mercearia e roupas. Aparentamos ter ficado horrorizados de que os soviéticos suprimissem deliberadamente a significação religiosa do domingo, a fim de debilitar a influência da religião na vida do povo russo. Não temos feito quase a mesma coisa nos Estados Unidos, desobedecendo muitas vezes às leis destinadas a preservar os valores de um dia de descanso?

Nossos amigos adventistas lembram-nos que o sábado não foi dado apenas para um grupo de pessoas incultas, séculos atrás, mas a todas as gerações humanas. Deus convida todos os homens a reservar um dia dentre sete para Seu serviço, bem como para recreação do corpo e do espírito humano. O autor da natureza humana sabia que um dia assim era essencial para o bem-estar espiritual, emocional e físico do homem. Nós não somente desobedecemos a Seu mandamento mas brincamos com o desastre pessoal quando ignoramos o significado do sábado. Como católicos, muitas vezes temos aspirado a uma observância mínima do Dia do Senhor; assistimos à missa e evitamos o trabalho servil, falando em termos gerais. Talvez os adventistas nos façam lembrar de que a proveitosa e santa observância desse dia exige mais do que esse mínimo restrito.

Outro setor de grande prioridade para nossos amigos adventistas é o das missões. Esta igreja enviou seu primeiro missionário para o estrangeiro em 1874. Ele implantou a fé na Suíça, e agora quatro dentre cada cinco adventistas vivem fora dos Estados Unidos. Os adventistas encaram com seriedade seu dever de pregar o evangelho a todos os homens e de ajudar os que foram chamados para ser missionários de tempo integral.

Apenas poucos países, entre os quais o Afeganistão e a Cidade do Vaticano, não têm um contingente de missionários adventistas. Até a pequena ilha Pitcairn, povoada pelos marinheiros da Sedição do Navio Bounty, tem sido visitada por esses infatigáveis missionários, e hoje todos os descendentes dos insurretos são fiéis adventistas do sétimo dia.

Com os fundos provenientes dos dízimos regulares de seus membros, a Igreja Adventista emprega 57.000 homens e mulheres como missionários, professores, impressores e funcionários médicos. Isto significa que um dentre cada 31 adventistas é um empregado de tempo integral,

assalariado pela igreja. O presidente da igreja recebe mais ou menos 100 dólares por semana e todos os demais obreiros da igreja, mesmo os médicos e os diretores de colégios, recebem um pouco menos.

Os adventistas, no entanto, não limitam sua evangelização aos países estrangeiros. Eles oferecem gratuitamente cursos bíblicos por correspondência, em que já se inscreveram mais de 3.500.000 alunos. Alguns adventistas seguem o exemplo das testemunhas de Jeová e dos mórmons, indo de casa em casa para interessar as famílias em suas doutrinas.

Todos os meios de comunicação têm sido empregados para apresentar a mensagem adventista. Esta igreja mantém 43 casas publicadoras que imprimem livros, revistas e folhetos em 228 línguas. O programa da Voz da Profecia é transmitido em inglês e espanhol por 922 estações de rádio, enquanto o programa Fé Para Hoje é apresentado em 222 estações de TV.

Os adventistas em geral têm famílias pequenas, com dois ou três filhos, de modo que relativamente há pouco aumento do número de membros devido ao coeficiente de natalidade (ao contrário dos mórmons). Entretanto, essa igreja possui agora seis vezes mais membros do que o número incluído no recenseamento federal de 1906. Seus métodos evangelísticos atraem conversos, e seu sistema educacional fortalece a lealdade dos adventistas a sua igreja e reduz ao mínimo a perda de membros.

Conquanto os mórmons administrem um enorme programa de assistência social, eles restringem sua assistência aos companheiros da mesma fé. Os adventistas estendem seu auxílio às pessoas de qualquer crença religiosa, ou sem crença alguma. Estão quase sempre a postos quando surge alguma calamidade — furacão, terremoto, enchente ou explosão. A igreja possui unidades móveis de emergência que podem ser enviadas para o local atingido. Dentro de sua comunidade, os adventistas freqüentemente patrocinam cursos gratuitos de primeiros socorros. De dois grandes depósitos situados em pontos opostos do litoral norte-americano, os navios da Igreja Adventista conduzem materiais para auxiliar regiões devastadas de além-mar.

Cada congregação adventista organiza uma sociedade Dorcas ou de assistência social, cujos membros se empenham em atividades um tanto semelhantes às que são empreendidas pela Sociedade São Vicente de Paula e pelo Exército da Salvação. Os membros da Sociedade de Dorcas reúnem-se regularmente para consertar roupas, angariar alimentos e fazer curativos.

Os adventistas não concordam em matar mesmo na guerra, mas não procuram classificar-se entre os que recusam cumprir certas obrigações por motivos religiosos ou morais (*conscientious*

objectors). Em vez disso, a igreja adentra seus jovens, à sua própria custa, para servir no departamento médico do exército, como não-combatentes. Um desses soldados adventistas conquistou a Medalha de Honra do Congresso devido ao heroísmo que manifestou em Okinawa, durante a Segunda Guerra Mundial.

Podemos ver que a decisão de tornar-se adventista não é feita levemente. Espera-se que os conversos dêem o dízimo de sua renda, freqüentem os cultos de sábado cada semana, abstenham-se de todo o trabalho desnecessário nesse dia, abandonem o álcool e o fumo, eduquem seus filhos nas escolas adventistas, evitem a dança, o jogo de cartas e o cinema, deixem de usar cosméticos e jóias e cortem toda ligação com qualquer sociedade secreta. Contudo, os adventistas parecem ser um povo resoluto e feliz, que obtém profundo prazer de sua religião.

A história da Igreja Adventista remonta à excitação sobre o Segundo Advento, produzida pela pregação de Guilherme Miller no início do Século XIX. Miller, um veterano da Guerra de 1812, examinou a Bíblia, principalmente os livros de Daniel e Apocalipse, e proclamou que o fim do mundo ocorreria em 1843. Mais tarde ele fixou a data para 22 de outubro de 1844. Quando esse dia passou sem haver nada de anormal, a maioria de seus adeptos dispersaram-se.

Um grupo de adventistas em Washington, Nova Hampshire, continuou a crer na predição de Miller. Finalmente este grupo aceitou a interpretação de que o evento a dar-se em 22 de outubro de 1944 não era o fim do mundo visível, mas a purificação do santuário celestial por Jesus Cristo. Nunca mais os adventistas marcariam uma data específica para o Segundo Advento, mas permaneceram convictos de que a História se aproximava rapidamente do fim e que Cristo apareceria dentro em breve.

O Tempo da Crucifixão . . .

(Continuação da pág. 12)

dia dera-se em cumprimento das Escrituras (S. Luc. 24:46). E os dois discípulos com quem Jesus caminhara para Emaús declararam que *aquêle dia, o primeiro da semana, era o terceiro dia.*

Por conseguinte, as muitas passagens que foram citadas demonstram claramente que o pri-

A esta doutrina fundamental do adventismo, a pequena congregação da Nova Inglaterra acrescentou a crença de que os cristãos deviam observar o sábado do Velho Testamento, e não o domingo que fôra instituído por um papa antigo. O papel que o papa desempenhou na observância desse dia conferiu ao movimento uma orientação anticatólica. Muitos adventistas parecem considerar o papa como o anticristo.

O movimento cresceu e os adventistas conseguiram estabelecer uma sede nacional em Battle Creek, Michigan. Em 1903, esta sede foi transferida para Takoma Park, um arrabalde de Washington, D. C.

Durante 70 anos destacou-se no movimento adventista do sétimo dia a Sr^a Ellen G. White, que eles consideram como profetisa. Ela escreveu 53 livros e mais do que 4.500 artigos, muitos dos quais baseados em visões. O papel da Sr^a White como profetisa tem perturbado os fundamentalistas protestantes, que de outro modo concordariam com muitas opiniões adventistas, tais como sua interpretação literal da Bíblia e sua vigorosa resistência à teoria da evolução.

Muitos aspectos do adventismo desagradam aos católicos e protestantes, mas notamos que em determinados setores — educação primária, manutenção da igreja, observância do sábado, esforço missionário, reforma pró-saúde, atividades de assistência social — podemos descobrir algumas coisas no adventismo que de forma adaptada podem enriquecer nossa vida como católicos.

Ao ingressarmos mais plenamente na era ecumênica e abandonarmos as defesas da Contra-Reforma, podemos encontrar ampla precisidade de exemplos na vida e costumes de nossos irmãos separados. Devemos ter a inteligência de distinguir entre as inaceitáveis asserções teológicas e os métodos e costumes que podem ser colocados a serviço da igreja.

meiro dia da semana foi o dia da ressurreição, e que a quarta-feira não poderia ter sido o dia da crucifixão.

Não permitamos, pois, que qualquer dúvida quanto ao dia da crucifixão ou da ressurreição desviem nosso pensamento do glorioso fato de que Ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou por causa da nossa justificação (I Cor. 15:3; Rom. 4:25), e que pela fé nEle podemos ter o infável dom da vida eterna.

OBRA PASTORAL



Sois Ministros Equilibrados?

R. C. WILLIAMS

Diretor do Departamento Ministerial da União
Norte-Filipina

UMA das maiores necessidades da Igreja Adventista do Sétimo Dia na atualidade é o de vidas cristãs equilibradas. Esta premente necessidade não se restringe apenas aos leigos ou oficiais de igreja. Para que seu serviço a Deus e aos homens seja aceitável e produza benefício eterno, é essencial que cada ministro da justiça mantenha apropriado equilíbrio espiritual.

Falando aos dirigentes judeus de Seu tempo, Jesus salientou a necessidade de equilíbrio, por meio destas palavras: "Dais o dízimo da hortalã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas. . . . Limpais o exterior do copo e do prato, mas êstes por dentro estão cheios de rapina e intemperança. . . . Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade." S. Mat. 22:23 e 25-28.

Dois mil anos atrás os dirigentes religiosos sem dúvida eram devotos e zelosos. A letra da lei tinha enorme importância e se alguém violasse seus aspectos legais da maneira como eram interpretados pelos rabinos, era tratado com severidade.

Embora tenhamos admiração por um povo que se apegue firmemente a suas convicções, é trágico testemunhar o zelo desequilibrado. Contemplemos novamente o quadro apresentado pelos dirigentes do tempo de Jesus. Êles procuravam observar o sábado ao pé da letra, mas negligenciavam o espírito do sábado — o amor. O animal doente ou ferido recebia auxílio mesmo no santo dia de descanso, mas ajudar um homem com a mão ressequida era pecado. O jovem príncipe estava ocupado em sua esfera de

atividades religiosas, mas deixara de partilhar as bênçãos materiais que lhe foram conferidas pelo Céu. A limpeza cerimonial tinha suprema importância, mas a oração do Rei Davi: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto," quase era olvidada. O dízimo, um reconhecimento do domínio de Deus sôbre as coisas materiais, era calculado até às quantidades ínfimas em coisas insignificantes — hortalã, endro e cominho; mas com demasiada freqüência o coração não era dado em reconhecimento do Messias que instituiria a lei do dízimo.

A lição é clara e simples, não é mesmo? Zêlo, ardor e convicção em certos setores de atividade não devem ser considerados como permissão para negligenciar outras responsabilidades igualmente importantes. Ser sincero para com o Salvador nalguns aspectos não serve de desculpa para deixar de corresponder ao repeto divino de crescermos em tudo na pessoa de Cristo (Efés. 4:15).

Uma grande necessidade do Movimento Adventista no Século XX é aquela com que se defrontou a igreja judaica nos dias de Cristo. Precisamos de um viver cristão equilibrado. Ao recapitularmos os votos que assumimos no dia do batismo, encontramos nêles a fórmula para uma vida plena e coerente. Todo ministro adventista do sétimo dia tem premente necessidade de levar uma vida bem equilibrada nestes terríveis dias de tensão, ansiedade e decisão.

Esta é certamente a hora na história terrestre em que não devemos dar "nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus" (II Cor. 6:3 e 4). É a ocasião em que os membros leigos, os oficiais de igreja e os ministros devem dar testemunho por meio duma vida coerente e sensata.

Este não é o tempo para o zelo demonstrado por especial interesse numa doutrina da fé ou num aspecto da vida cristã, em detrimento de outras questões igualmente importantes. As décadas passadas da existência deste movimento têm testemunhado de muitos indivíduos e grupos que gastaram a vida e recursos na promoção de certos aspectos da conduta ou de idéias favoritas no tocante a pontos doutrinários. Em muitos casos o assunto em si era nobre e vital, mas o método de promoção e a negligência de outras verdades importantes não conferiram outra alternativa às almas sinceras senão declará-lo de procedência estranha ao Senhor. A tais pessoas, diria o Mestre da mesma maneira que no passado: "Devíeis fazer estas coisas, sem omitir aquelas."

Mesmo entre os ministros de Deus, o zelo em pregar as doutrinas, devolver um dízimo integral, organizar os membros na conquista de almas, e participar de numerosas outras coisas boas não constitui justificativa ou permissão para ser descuidado na observância do sábado, na questão alimentar, na atitude para com o sexo oposto ou no domínio próprio. O conselho divino é que não somente os membros, mas, acima de tudo, os ministros sejam sóbrios e se tornem "padrão de boas obras." Falando a um jovem pregador, disse o apóstolo Paulo: "No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível. . . Não furem; pelo contrário, dêem prova de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador." Tito 2:7-10.

Por intermédio da mensageira do Senhor foram dados valiosos conselhos ao ministério adventista. Transmitimos alguns pensamentos escolhidos e oportunos que merecem sincera e cuidadosa meditação:

"Os homens podem ser capazes de repetir fluentemente as grandiosas verdades apresentadas com tanta profundidade e perfeição em

nossas publicações; podem falar fervorosa e inteligentemente sobre o declínio religioso nas igrejas; podem expor de maneira muito hábil o padrão do evangelho perante o povo, enquanto os deveres diários da vida cristã, que tanto requerem ação como sentimento, são considerados por eles como não estando entre as questões importantes. . . A religião prática reivindica igualmente os seus direitos sobre o coração, a mente e a vida diária." — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 372.

"Qualquer hábito ou prática conducente ao pecado, capaz de trazer desonra sobre Cristo, convém ser pôsto de lado, seja qual fôr o sacrifício. Aquilo que desonra a Deus, não pode ser benéfico à alma. A bênção do Céu não pode seguir qualquer homem no violar os eternos princípios do direito. E um pecado alimentado é suficiente para operar a degradação do caráter e desencaminhar a outros." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 329.

Colegas de ministério, não seria conveniente fazermos um minucioso exame de nossa vida? Somos coerentes em nossa vida pública e particular? Resistirão os nossos atos, quer sejam ou não vistos pelos olhos humanos, ao escrutínio do Vigia celestial? Oxalá nós que pregamos aos homens que "Deus há de trazer a juízo todas as obras até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más," nos lembremos de que também seremos julgados com o mesmo critério que eles.

Zelo? Sim, que Deus nos conceda mais — muito mais zelo nestes momentos transcendentais da História! Mas seja êle tão divinamente moderado, fortalecido e equilibrado que produza eterno benefício a todos.

Ao examinarmos a nós mesmos sob a luz da completa verdade do evangelho, que as palavras de Jesus: "Devíeis . . . fazer estas coisas, sem omitir aquelas," nos incentivem a ter um ministério equilibrado e sensato!

"Ele o Crê"

— Vou assistir a uma pregação de Whitefield, declarou certa vez um descrente a um amigo.

— Por quê? Você não creria em coisa alguma do que êle diz, replicou o amigo.

— Sim, mas *êle o crê*, afirmou o descrente.

Que maior homenagem poderá ser prestada a um homem que prega a Palavra de Deus, do que possuir tal convicção de origem divina que seus ouvintes não deixem de ficar impressionados? O mensageiro precisa crer na mensagem que êle transmite. Com isto não quero indicar uma aceitação formal. Com efeito, a idéia é mais profunda do que convencer-se da verdade. Em nossos púlpitos existe premente necessidade de ardente persuasão oriunda de *realização*. A mensagem deve fazer mais do que tomar posse da alma do pregador; deve saturá-la. Então aqueles que o ouvirem se convencerão de que êle crê no que prega.

Tal paixão é impossível para aquêle que se contenta em pregar sermões de outros. O mesmo sucede com o pregador que não examina diariamente as Escrituras. O ardor no púlpito provém da descoberta diária de novas gemas na mina da verdade. — E. EARL CLEVELAND.

Ética Ministerial

R. W. ENGSTROM

Ministro na Califórnia



DENTRE tôdas as pessoas, nós ministros devemos conservar a ética mais ímputa. Com êste objetivo, desejamos considerar alguns setores importantes em que a nossa ética realmente tem valor.

Para com Nossos Colegas na Igreja

Há, principalmente, dois ministros com os quais temos minuciosas obrigações éticas, a saber, nosso predecessor e nosso sucessor. Pensemos por uns instantes no primeiro dêles:

Ao chegar a um nôvo distrito pastoral, talvez encontremos algumas coisas que nos julguemos capazes de realizar com mais perfeição. Contudo, jamais devemos revelar isto aos membros. Efetuemos gradualmente as alterações que desejemos efetuar. Depararemos com uma forma especial de adulação por parte dos membros que dizem: "Nosso velho ministro era um bom homem, mas certamente não se comparava com o senhor." Isto pode ter um significado ambíguo, mas talvez lhe demos o sentido de sermos uma pessoa superior. Tal sentimento é uma peçonha cruel e precisa de um antídoto instantâneo. Convém lembrar que a mesma crítica pode ser lançada contra nós, na primeira oportunidade.

Qual é êsse antídoto? Mencionar coisas boas a respeito do outro ministro, salientar seus pontos favoráveis e mudar então de assunto. Há duas espécies de predecessores — os que são fáceis de seguir e os que são difíceis de seguir; mas quaisquer que tenham sido suas deficiências, nossa ética nunca deve permitir uma palavra de crítica ou dar atenção aos que têm prazer em fazê-lo.

Um Requisito Essencial

Recordo-me de um homem a quem substituí em minha juventude. Êle pastoreara uma igreja durante doze anos. Faltavam-lhe — segundo a minha opinião — a maioria dos requisitos de eficiente e moderno procedimento pastoral. Não

levou, porém, muito tempo para eu compreender que nunca alcançaria sua admirável maneira de pastorear o rebanho, ajudando realmente os seres humanos. E não é êsse o requisito mais essencial?

Outro ministro será nosso sucessor, e devemos dedicar-lhe também uma parte definida de nossa ética. Talvez hesitemos em transferir nosso eficiente mecanismo a alguém que não aprecie as minúcias da vida da igreja do modo em que o fazemos. Não nos preocupemos, porém; podemos ficar surpresos de saber que dias ainda melhores estão reservados para aquela congregação. Por isso, a ética mais bela consiste em deixar a igreja na melhor condição possível — com o orçamento bem equilibrado, as dívidas pagas ou solucionadas, e perfeito entrosamento em todos os aspectos da igreja. É esta uma excelente atitude fraternal para com êle.

Deixar um Registo

Deixai então bons registos baseados num arquivo bem organizado, atas completas das reuniões da comissão da igreja, os boletins de vosso pastorado, a organização da Recolta e a lista dos doadores, e um inventário das propriedades e do equipamento da igreja. Êle ficará grato por vossa lembrança neste sentido.

Depois, constitui excelente ética assentar-se e passar algumas horas orientando-o a respeito de certos pormenores, se possível. Caso êle se encontre a longa distância, fazei isso através de vossa comissão. A última reunião da comissão pode ser dedicada à leitura de uma fôlha de informações indicando onde tudo pode ser encontrado e sendo uma completa análise daquilo que sômente o pastor conhece intimamente. Estando isto em mão de tôda a comissão, alguém por certo saberá a resposta para qualquer item que fôr necessário.

Também é cortês deixar um grupo na classe batismal, e não batizar todos os candidatos possíveis, antes de partir. O nôvo ministro apreciará ter algumas pessoas interessadas com quem trabalhar.

E agora, o ponto mais essencial de todos — ao partir, parti de fato. Não escrevais, aconselheis ou tenhais qualquer comunicação com a

igreja, que não seja puramente pessoal. Vosso trabalho terminou naquele distrito. Se solicitarem vosso conselho, encaminhai a questão a vosso sucessor. Se ele pedir vosso conselho, a questão é diferente.

Que dizer dos funerais e casamentos? Tereis de usar o bom senso. Ambas essas cerimônias são emocionais, especialmente a primeira, em que poderá ser difícil argumentar com os enlutados. O melhor é comunicar-se com vosso sucessor, informá-lo do pedido e se possível incluí-lo também na cerimônia.

Cooperar com os Colegas da Região

A seguir, existe a ética das regiões em que diversos ministros cuidam de igrejas próximas umas das outras, e onde muitos programas e projetos têm de ser considerados de comum acordo. Prevalece aí uma ética especial. Esses ministros não devem deliberadamente planejar programas competidores. Cada um trabalhará com os outros nos projetos do colégio da União, no evangelismo conjunto e em outros pontos mais. Um exemplo disso é o serviço de comunhão. De acordo com a recomendação da Associação Geral, a data para essa cerimônia é o décimo segundo sábado do trimestre. Se cada igreja da região cooperar neste sentido, não haverá muito intercâmbio de visitas entre as igrejas naquela data do trimestre. Podemos simplesmente dizer a nossos membros que eles se considerem livres para visitar qualquer igreja no décimo segundo sábado, mas que por certo não desejarão perder o serviço de comunhão onde quer que estiverem.

Qualquer tentativa de um ministro para conquistar membros numa igreja próxima, pertencente a um colega, seria uma maneira bastante imprópria de aumentar o número de membros de sua própria congregação.

Nossa Atitude Para com os Ministros de Outras Denominações

Podeis estar a centenas de quilômetros de um ministro da mesma denominação, mas há pastores metodistas, presbiterianos e outros ao vosso redor. Qual a ética a ser adotada neste caso? Não existe melhor conselho do que aquele que aparece na página 144 do livro *Evangelismo*:

“Quando nossos obreiros entram em um novo campo, devem procurar relacionar-se com os pastores das várias igrejas do lugar. Muito se tem perdido por negligenciar isto. Se nossos ministros se mostrarem amigáveis e sociáveis, e não agirem como se se envergonhassem da mensagem que apresentam, isto há de ter excelente

efeito, e pode dar a esses pastores e a suas congregações impressões favoráveis da verdade.”

Seguimos realmente este conselho, ou somos tentados a dizer: “Creio em tudo o que o Espírito de Profecia ensina — exceto este ponto?” A admoestação é bem clara. Nosso dever é orar e trabalhar “pelos ministros sinceros que foram ensinados a interpretar mal a Palavra da Vida.” — *Idem*, pág. 562.

Há indicações de que muitos desses homens aceitarão nossa mensagem — mas acaso não é verdade que nossa relação para com eles agora terá muita influência em determinar a posição que eles assumirão mais tarde? Notai estas palavras:

“Nossos ministros devem buscar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Oraí por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão. . . . Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nestes pastores do rebanho.” — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 386.

Em resumo, portanto, a melhor coisa que podemos fazer é destruir o equívoco entre esses pastores. Muitos deles nos encaram com suspeita, pensando que somos curtos de vista, heréticos, esquisitos, fanáticos e com métodos pouco ortodoxos de trabalho. Eles acham que somos inamistosos, pouco cooperadores, convencidos, enfatuados e indiferentes. Cabe-nos o privilégio de remover essas impressões e substituí-las pela verdade. Com este objetivo, ligai-vos com eles em tudo o que for correto.

Para com a Chefia de Nossa Associação

Colocaríamos aqui em primeiro lugar o sigilo e a solidariedade profissional. Possuímos, inevitavelmente, informações conhecidas apenas por nós mesmos. Nunca convém comentá-las com os membros. As particularidades relacionadas com o procedimento da Associação e com os planos e resoluções da Mesa Administrativa são confidenciais. Quando têm de chegar ao conhecimento público, a Associação é a primeira a anunciá-los.

A ética decorosa requer que não comprometamos a Associação. Não diremos que ela fará isto ou aquilo sem possuímos a devida autorização para dizê-lo. Não empreenderemos projetos que primeiro tenham de ser submetidos à administração.

Este respeito para com a organização em que trabalhamos inclui o não fazer menção de quaisquer ressentimentos que porventura tenhamos. Não nos queixaremos de nossa situação financeira nem buscaremos atrair a simpatia dos outros em nosso favor, contra a Associação. Se não pudermos ser leais, não devemos estar no

serviço ativo. Justamente por isso, nos pronunciamos a fazer o possível para silenciar quaisquer boatos que venhamos a ouvir.

Agora, algumas palavras a respeito da ética em relação a

Nossos Próprios Membros de Igreja

Talvez em nenhum setor a ética sobressaia tanto quanto em nossas muitas relações com os membros da igreja. Notemos primeiramente a ética na visitação.

Surge a pergunta: É correto que o ministro faça visitas inesperadas aos lares de seus membros? ou deve marcá-las pelo menos com alguns minutos de antecedência, pelo telefone?

Alguns acham que somente a visita inesperada revela a verdadeira condição da vida doméstica, pois do contrário os membros nos darão uma recepção afetada. Isto pode ser verdade, mas que adiantará chegar a um lar e encontrar a televisão ligada, captando um programa impróprio, ou um livro sobre a mesa, que não devia estar ali? Será que nossa visita sem aviso prévio reformará para sempre aquela família? Isto é duvidoso. Com toda a probabilidade causaremos ressentimento que perdurará enquanto formos o pastor daquela igreja. Quem sabe a dona de casa, que via de regra é esmerada em seus deveres, simplesmente teve um dia penoso, e ficará consternada toda vez que nos ver, devido a que na única ocasião em que a visitamos ela não conseguiu apresentar o lar da maneira em que o desejava fazer.

Num questionário recente, organizado por um jornal, foi feita a indagação: "Preferiríeis que vosso ministro chegasse inesperadamente ou mediante aviso prévio?" Noventa e nove por cento das pessoas entrevistadas indicaram o desejo de saber antecipadamente quando seriam visitadas por seu ministro.

Amizade ou Familiaridade?

Nossa ética é muitíssimo vital em nossas conexões com senhoras. Muitos ministros têm deparado com o problema de algum membro do sexo oposto afeiçoar-se por eles, buscando constantemente seu conselho e dando-lhes indevida atenção em outros sentidos. Eis aí um terreno perigoso; enfrentemo-lo. Se alguma senhora solicitar conselho mais do que três vezes, é bom levar a esposa junto na quarta vez. Aquela senhora poderá estar mais interessada na pessoa do que no conselho do pastor.

Existe uma linha divisória entre a amizade e a familiaridade. Não convém transpô-la! Isto é feito com tanta freqüência no mundo ao nosso redor, que as pessoas podem acercar-se do ministro do mesmo modo, sem perceber o perigo. Melhores homens do que nós têm caído

por esse motivo! Novamente o Espírito de Profecia nos dá excelente conselho: Em *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 234, a familiaridade é chamada de "terreno proibido," e devemos manter-nos afastados de tudo o que se assemelhe a ela.

Uma impressionante declaração encontra-se na página 236 do livro *Conselhos a Pais, Professores e Estudantes*: Cristo "possuía . . . uma reserva que desanimava qualquer familiaridade." Devemos orar que Deus nos conceda esta virtude indispensável.

Que princípios éticos estão envolvidos em nossas relações sociais com os membros? Visitaremos reiteradas vezes alguns membros? Se formos convidados mais de uma vez pela mesma família, devemos recusar o convite, temendo ser acusados de ter predileções na comunidade da igreja? Nosso bom senso é que deve determinar a resposta a essas perguntas. Nos grupos maiores isto não é tão notado como nos menores. O que fazemos é mais impessoal nas grandes congregações. Mas o ponto principal consiste em não ter amigos especiais em detrimento de outros.

Visitar os Enfermos

Nossa visita de emergência aos que estão doentes ou têm problemas é um item de especial importância. Aí nossa ética exige pronta ação, não permitindo que algo nos impeça de atender imediatamente, quer seja à meia-noite ou bem cedo de manhã. Realizai todas essas visitas de tal maneira que vossos médicos possam recomendar-vos confiantemente aos seus pacientes.

E quando chegar o momento de realizar a cerimônia fúnebre, que nenhuma ética suspeita desfigure a derradeira despedida ao ente querido que está para ser sepultado. Oxalá os possíveis honorários da cerimônia fúnebre jamais arruinem a lembrança que a família enlutada conservará do serviço que prestastes em seu favor. Que é melhor fazer neste caso? Em nosso pastorado atual temos informado a diversos lares que não desejamos receber remunerações. Se apesar disto ocasionalmente nos fôr oferecida alguma retribuição, devemos devolvê-la ou dedicá-la a algum projeto da igreja, e então escrever um bilhete explicando isto ao doador. E no tocante aos honorários de casamento, se quiserdes gozar de boa reputação, enviai apenas um aviso paternal à jovem esposa quando ela regressar da lua-de-mel, incluindo a quantia que seu marido vos entregou no dia do casamento.

Todos estes pontos de ética, e muitos mais, cuidarão de si mesmos se o ministro em sua própria vida pessoal observar a ética suprema da mais elevada vocação do mundo — oração particular, leitura, estudo, meditação e completa dedicação a sua obra.



MÚSICA

A Música nas

Horas de Culto

HUGO DARIO RIFFEL



“A MÚSICA faz parte do culto de Deus nos átrios do Céu.” (1) A Bíblia e o Espírito de Profecia aconselham o uso da música nas horas do culto. Graças ao maravilhoso poder de evocação que possui, ela traz à mente dos fiéis os pensamentos mais elevados. Faremos algumas considerações sobre a música nas reuniões regulares da igreja.

Observando o Capítulo 7 do *Manual da Igreja*, notamos que ali não se prescreve determinada ordem para realizar as diversas partes do culto, mas são apresentadas três ordens sugestivas. Transcrevemos a mais longa, visto que as outras são reduções dela:

- * Prelúdio de órgão
- Anúncios
- Entram o câro e os ministros
- * Doxologia
- Invocação
- Leitura das Escrituras
- * Hino de Louvor
- Oração
- * Câro ou música especial
- * Oferta
- * Hino de consagração
- Sermão
- * Hino
- Oração de despedida
- * Poslúdio de órgão

É significativo que das 15 partes do culto divino, 7 são musicais (assinaladas com asterisco) e há uma mais, a oferta, que geralmente é acompanhada com música. Escreve a Sr^a White: “... a música deve ter seu lugar em nossos cultos. ...” (2)

Sendo que no culto há tantas partes musicais, convém repetir esta pergunta a cada um dos ministros ou encarregados: “Não tendes acaso o dever de dedicar alguma habilidade, estudo

e planejamento à questão de como dirigir as reuniões religiosas, para que produzam a maior quantidade e causem a melhor impressão sobre todos os que estão presentes?” (3) Aí é indicado claramente que os ministros ou encarregados têm o dever de planejar devidamente o programa das reuniões. Isto inclui tôdas as partes, das quais mais da metade são musicais.

Com demasiada freqüência se observa que o encarregado do culto se preocupa quase exclusivamente com o sermão a ser pregado, e as partes restantes são improvisadas no momento. Assim como um quadro perde parte de seu valor se sua moldura está quebrada ou manchada, também o melhor dos sermões perde parte de seu efeito quando está incluído numa reunião de partes improvisadas ou dirigidas de maneira errônea.

A escolha dos hinos é de especial importância, pois deles participa a congregação. Somos aconselhados com referência a isto: “Os que tornam o canto uma parte do culto divino devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião.” (1) Nalgumas igrejas são cantados apenas dois hinos, e às vezes, quando o tempo se torna escasso, eliminam-se algumas estrofes desses hinos. Achamos ser incorreto eliminar estrofes, pois a maioria dos hinos foram escritos de tal maneira que suas estrofes se enlaçam entre si como os elos duma corrente. Ao eliminar alguma estrofe, rompe-se a unidade e a estrutura, que às vezes são fruto de profundas meditações de seu autor. Se todos cantássemos “com o entendimento,” buscando o significado das palavras e percebendo sua estrutura como um todo, seríamos incapazes de mutilar os hinos. Talvez alguém pense que cantar quatro hinos com tôdas as suas estrofes leve muito tempo. É certo que leva tempo, mas também é certo que o planejamento correto produz resultados, entre eles a economia de minutos que serão muito abençoados se os usarmos para o canto congregacional.

Também é sugerido o uso de um Prelúdio e um Poslúdio, que podem ser executados pelo

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teoria do Intervalo

(Continuação)

2. FALÁCIA DE RECORRER AOS PROGENITORES DA IGREJA PRIMITIVA. — O ato de apelarem os adeptos modernos da teoria do intervalo para escritores como Hipólito de Portus Romanus (terceiro século) ou Apolinário de Laodicéia (quarto século), exige uma investigação quanto à base dessa alegação.

Em primeiro lugar, a interpretação das 70 semanas por estes dois expositores (cujos pontos de vista não eram os da maioria na igreja primitiva) continha elementos divergentes que por certo não são seguidos pelos que os consideram como precursores das atuais idéias futuristas. Tomemos, por exemplo, a Hipólito: Ao projetar um intervalo nas 70 *hëbdomads*, êle interpretou as primeiras 69 unidades, ou semanas de anos, como se estendendo do primeiro ano de Ciro (ou de Dario o Medo) até a en-

carnação de Cristo — uma impossibilidade cronológica sem alongar o período. Naturalmente os que citam Hipólito para a interpretação do intervalo não seguem os pormenores de sua teoria, como o seu errôneo prolongamento das 69 semanas, e muito menos sua expectativa de que o Segundo Advento ocorresse por volta de 500 A. D. Recorrem porém a Hipólito e a outros para provar a origem primitiva de sua teoria futurista acêrca das 70 semanas. Entretanto, basear o futurismo, da maneira como é compreendido hoje em dia, nos pontos de vista da igreja primitiva é fazer mau uso de um precedente histórico. Empregar semelhantes “fundamentos históricos” é construir sôbre areia movediça. O conceito dos cristãos primitivos sôbre a escatologia não era realmente futurismo. Os historicistas fazem mais juz ao parentesco com a igreja primitiva.

côro ou pelo órgão. Convém que o prelúdio seja de caráter solene, convidando suavemente à meditação e oração. Para terminar o culto há várias maneiras distintas. Imediatamente após a última oração, e com a congregação de pé, em oração silenciosa, o órgão ou o côro podem executar uma música suave, de uns 30 segundos de duração. Nalgumas igrejas, é a congregação que canta alguma prece de agradecimento e despedida. Esta prece sempre é a mesma, e os irmãos a conhecem de cor, portanto não é anunciada, nem deve ser procurada no hinário. Em seguida, começa o poslúdio coral ou instrumental, que sugerimos seja de caráter majestoso e marcial, porém não lento nem suave, mas alegre e potente. Por que não expressar com fôrça e alegria nosso gôzo por haver recebido o pão da vida?

REFERENCIAS:

1. Ellen G. White, em *Signs of the Times*, 22 de junho de 1882.
2. Ellen G. White, carta 132, 1898.
3. Ellen G. White, em *Review and Herald*, 14 de abril de 1885.

A crença dos cristãos primitivos de que a maior parte das profecias ainda não se haviam cumprido naquele tempo não os torna futuristas no sentido ordinário da palavra. Futurismo não é a opinião de que a maioria das profecias se encontravam no futuro *por ocasião do início* da era cristã, mas de que ainda estarão no futuro *por ocasião do fim* da era cristã. Os historicistas crêem que houve necessariamente um tempo em que a maior parte das profecias ainda não se haviam cumprido, e que por fim haverá um tempo em que tôdas elas estarão cumpridas. A diferença consiste em que o historicista espera que o cumprimento se manifeste progressivamente na História, até o fim; ao passo que o futurista torna a era cristã um “patêntesis,” ou intervalo, no cumprimento profético, e transfere o cumprimento adicional para um tempo relativamente breve no fim, *a começar* com a vinda de Cristo em favor de Seus santos. Há muitas variações entre os futuristas, mas podemos resumir seus pontos característicos da seguinte maneira:

a. Que a maior parte das profecias (inclusive o quarto reino e a setuagésima semana do livro de Daniel, e todo o Apocalipse, exceto as cartas para as sete igrejas) esperam cumprir-se no tempo após a vinda de Cristo para ressuscitar e trasladar os santos.

b. Que todo o "período da igreja" é um intervalo durante o qual o relógio profético deixou de funcionar.

c. Que tôdas as profecias sôbre períodos de tempo são literais (é rejeitado o princípio do dia-ano).

d. Que o termo "Israel" em tôdas as partes da Bíblia sempre se refere aos judeus literais.

e. Que as profecias e promessas do Velho Testamento sôbre o glorioso domínio do povo de Deus devem cumprir-se de modo incondicional e literal para os judeus restaurados, que segundo se espera reinarão sôbre as nações não convertidas e transformadas durante o milênio.

f. Que o anticristo é uma pessoa futura, um tirano que se opõe a Deus, e que oprimirá os judeus e causará ao mundo (os judeus que houverem regressado, nas nações gentílicas e na cristandade apostatada) uma tribulação de três anos e meio durante a última metade duma adiada, setuagésima *hebdomad*, após o segundo advento.

g. Que antes desta tribulação o "arrebatamento," ou a ressurreição e trasladação dos santos, removerá a igreja da Terra (secretamente, como crê a maioria).

h. Que mesmo durante o milênio os judeus serão completamente separados da igreja cristã.

i. Que não sômente a maior parte das profecias mas outras consideráveis porções da Bíblia, inclusive a maior parte dos Evangelhos, pertencem a outras épocas e não à igreja. (Isto faz parte de um minucioso sistema de "dispensações" que é salientado nos escritos futuristas.) — *Questions on Doctrine*, págs. 302-305.

Um Convite ao Silêncio

(Continuação da pág. 9)

precisa ser restaurado em muitas igrejas, a fim de que se tornem verdadeiros templos em que Deus possa habitar e ser adorado.

REFERÊNCIAS:

1. Guilherme Roy McNutt, *Worship in the Churches* (Filadélfia: The Judson Press, 1941), pág. 131.
2. Jorge W. Fiske, *The Recovery of Worship* (Nova York: The MacMillan Company, 1931), pág. 85.
3. *Idem*, pág. 95.
4. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 178.
5. Ellen G. White, *Test. Sel.*, Vol. 2, pág. 194. (Grifo nosso.)
6. McNutt, *op. cit.*, pág. 94.
7. Ellen G. White, *O Desejado de Tôdas as Nações*, págs. 269 e 270.
8. W. W. Comport, "The Friends' Theory of Worship," *The Christian Century*, 19 de março de 1930, pág. 366.
9. Fiske, *op. cit.*, pág. 93.
10. McNutt, *op. cit.*, pág. 93.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3.00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 33 N.º 1

CAPA: Pastor Roy Allan Anderson

NESTE NÚMERO

PAGINAS IMACULADAS 2

EDITORIAL

Despedida e Boas-Vindas
A. E. Schmidt 3

ARTIGOS GERAIS

Maturidade Cristã e o Lar Conclusão)
Roy Allan Anderson 4
Um Convite ao Silêncio
Russ Spangler Jr. 7
A Postura na Oração
Walter Noack 10

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIENCIA

O Tempo da Crucifixão e Ressurreição de
Jesus
J. Q. Wilson 11
Porque os Adventistas do Sétimo Dia Estão
Sendo Bem Sucedidos
Guilherme J. Whalen 13

OBRA PASTORAL

Sois Ministros Equilibrados?
R. C. Williams 17
Ética Ministerial
R. W. Engstrom 19

MÚSICA

A Música nas Horas de Culto
Hugo Dario Riffel 22

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teo-
ria do Intervalo (Continuação) 23

